

## A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS NOS CORDÉIS DE MARIADAS

### NEVES BATISTA PIMENTEL

Letícia Fernanda da Silva Oliveira\*

**RESUMO:** Maria das Neves Batista Pimentel foi a primeira mulher a romper a hegemonia masculina existente no universo da literatura de cordel na primeira metade do século XX. Em uma sociedade que limitava as experiências e ações femininas, era natural que as mulheres reproduzissem o pensamento vigente, principalmente os preceitos patriarcais, pois estes estavam arraigados na educação que recebiam desde o começo de suas vidas. Assim, a cordelista também reiterava, em seus versos, essas normas de conduta que eram impostas. O comportamento honrado, puro e virtuoso era o que se esperava de uma “mulher de verdade” e aquelas que não agissem dessa forma, desrespeitando as diversas regras patriarcais, estariam condenadas a diversos infortúnios e ao desprezo de uma grande parcela da sociedade. Procuramos então demonstrar neste artigo como a poetisa corroborou com essa ideologia em seus três cordéis publicados, analisando como as personagens femininas foram retratadas em seus versos.

**Palavras-chave:** Maria das Neves Batista Pimentel. Literatura de Cordel. Mulher. Autoria feminina. Patriarcalismo.

**ABSTRACT:** Maria das Neves Batista Pimentel was the first woman to rupture the masculine hegemony present in the universe of "Cordel" literature in the first half of the 20th Century. In a society which limited the feminine experience and action, it was natural that women reproduced the current thought, especially the patriarchal precepts, as they were rooted in the education they received since they were born. Thus the writer also repeated in her verses the behavioural standards that were imposed on her. The honoured behaviour, pure and virtuous, was expected from a "real woman" and those who did not act this way, disrespecting many patriarchal rules, would be condemned to several misfortunes and disdain from society. We try to demonstrate in this article how the poetess corroborated with this ideology in her three published "cordeis", analyzing how the feminine characters were portrayed in her verses.

**Keywords:** Maria das Neves Batista Pimentel. Cordel literature. Woman. Female author. Patriarchy.

No Nordeste, adentrar o mundo dos cordéis, sendo uma mulher, não era uma tarefa fácil, pois a hegemonia masculina vinha se consolidando na região há séculos. Os poetas que ganhavam a atenção do público e tinham seus versos apreciados eram todos homens, de modo que as mulheres não se aventuravam no mercado dos versos populares por este e por outros motivos. O Nordeste

---

\*Mestranda do Programa da Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP/Assis. Bolsista CAPES. E-mail: leticiafsoliveira@gmail.com

enaltecia os valores patriarcais e, em razão disso, a inserção das mulheres na vida pública era muito dificultada por aqueles que comandavam os rumos da sociedade. Outro fator que contribuía para esta situação era a pouca ou nenhuma escolaridade da grande maioria das mulheres.

Por estes motivos a poetisa Maria das Neves Batista Pimentel (1913-\*)<sup>1</sup> aceitou a sugestão do marido, de que se tornasse cordelista, com a condição de que o fizesse utilizando um pseudônimo masculino, declara:

Todos os folhetos que foram vendidos na Livraria de meu pai ou que foram impressos, tinham nome de homem, eram homens que faziam, não existia naquele tempo, folheto feito por mulher, e eu, para que não fosse a única, né?, meu nome aparecesse no folheto, não fosse eu a única, então eu disse:

– Eu não vou botar meu nome.

Aí meu marido disse:

– Coloque Altino Alagoano. (PIMENTEL apud MENDONÇA, 1993, p. 70)

Como visto neste trecho de uma entrevista concedida pela poetisa à pesquisadora Maristela Barbosa de Mendonça, na ocasião da elaboração de sua dissertação de Mestrado, Maria das Neves sabia que o fato de ser mulher limitava seus horizontes e que, por este motivo, deveria ocultar a sua verdadeira identidade. A cordelista opta pelo travestimento, ocultando sua verdadeira identidade para que houvesse a aceitação dos seus folhetos pelo público que consumia este tipo de literatura.

Diferente da grande maioria das mulheres que habitava o Nordeste na primeira metade do século XX, Maria das Neves havia frequentado a escola e era uma leitora assídua. Estes fatores foram decisivos para a constituição dos seus folhetos, pois a poetisa possuía o hábito de ler romances eruditos e também muitos cordéis. Quando seu marido, o verdadeiro Altino Alagoano, propôs que publicasse folhetos, pois passavam por dificuldades financeiras, disse que o faria transpondo a literatura em versos o que ela mesma descreveu como “literatura alta”, para se referir às suas leituras eruditas. Foram, então, transpostos para versos três romances, que originaram os seguintes folhetos de cordel: *O Corcunda de Notre Dame*, publicado em 1935, inspirado no

---

<sup>1</sup> Durante a pesquisa não foi possível descobrir o ano da morte da cordelista. Na ocasião de publicação do livro *Uma voz feminina no mundo do folheto*, de Maristela Barbosa de Mendonça, em 1993, a poetisa possuía 80 anos. Este foi o único registro que encontrei informando a sua idade.

romance homônimo de Victor Hugo; *O amor nunca morre*, inspirado no romance *Manon Lescaut*, do Abade Prévost, e publicado em 1938; e *O violino do diabo ou o Valor da Honestidade*, inspirado no romance *O violino do diabo*, de Victor Pérez Escrich, também publicado em 1938.

Tamanho interesse pela literatura pode ser compreendido pelo fato de que a autora era filha de um dos maiores cordelistas pioneiros, Francisco das Chagas Batista (1882-1930), e que ele, além de poeta, dedicava-se à sua própria tipografia de cordéis e também a uma livraria em que eram comercializados cordéis e livros. Ruth Terra (1983) observa que Chagas Batista era um leitor assíduo de obras eruditas, principalmente de autores como Victor Hugo, Eça de Queiróz e José de Alencar. Podemos concluir, então, que essa figura paterna não serviu apenas de inspiração para a poetisa, mas que também a auxiliou em suas descobertas do mundo literário.

Por meio das diversas entrevistas que Maria das Neves concedeu fica claro o elo que existia entre pai e filha, e a maneira como Chagas Batista era um modelo a ser seguido pela cordelista. A admiração e a exaltação da figura paterna pela filha era, segundo Simone de Beauvoir (2009), uma das grandes satisfações da sociedade patriarcal, pois este homem concretiza-se como uma espécie de Deus terreno para a filha. A obra *Uma voz feminina no mundo do folheto*, de Maristela Barbosa Mendonça, consegue deixar claro que o poeta, enxergado sob a ótica saudosa de Pimentel, era um modelo de homem, marido e pai, e também de poeta.

A poetisa e seu pai eram sucessores de uma ampla tradição familiar no que se referia às poéticas populares. Herdeiros dos Nunes-Batista, estavam intrinsecamente ligados à cultura popular e à oralidade, sendo precedidos por glosadores, cantadores e poetas. Na entrevista concedida a Maristela Mendonça, Maria das Neves exalta o orgulho que sentia de si mesma e de seus familiares:

Eu sou filha de poeta  
e neta de repentista  
meu avô era Ugolino  
e meu pai Chagas Batista  
também faço poesia  
o poeta é um artista! (apud MENDONÇA, 1993, p. 86)

Apesar de recitar esses versos, houve também um momento durante as entrevistas em que a poetisa diz à pesquisadora que não era poeta, “mas eu nunca fiz folheto, não, nunca fiz!” (PIMENTEL apud MENDONÇA, 1993, p. 57). O caráter ambivalente da afirmação alude à sua própria postura enquanto poeta, pois ao mesmo tempo em que ousa publicar seus versos, também acredita que está fazendo algo menor do que seu pai vinha fazendo em termos de poesia.

Tal comparação chega a ser desleal, pois embora Chagas Batista tenha sido um dos maiores poetas populares do Nordeste, os versos da cordelista também representam muito para a poética popular nordestina, sobretudo pelo caráter vanguardista de suas publicações. Segundo Doralice Queiroz (2006), mesmo que a poetisa tenha corroborado o pensamento patriarcal vigente em seus folhetos, ela serviu de exemplo para as mulheres que a sucederam, algo que começa a ocorrer somente na década de 1970.

Em seu processo de criação, Maria das Neves tinha como uma de suas prioridades tornar mais acessível, semântica e linguisticamente, um texto de origem erudita para um público de leitores/ouvintes semiletrados ou totalmente sem conhecimento das regras da língua formal. Outra estratégia que se tornaria importante para a aceitação do público seria optar por exaltar os valores patriarcais vigentes na sociedade em que vivia, principalmente normas de conduta que valorizassem a honra e a virtude femininas, como relata a própria Maria das Neves:

Você sabe que o romance é feito numa literatura alta. O povo não entende, mesmo lendo não entende, não compreende e nem vai perder tempo para ler o romance. Então eu transformei aquela literatura no linguajar do povo, no modo que o povo fala, que o povo entende. (...) *eu peguei o miolo*. A coisa mais, que me interessa. (...) O romance é o roteiro, agora aqui eu vou transferir toda essa história para o linguajar do povo e versar. (...) Eu não posso me afastar da linha do romance, não! Eu posso criar, ajudar no mesmo sentido. (...) Então aqui neste romance *O Violino do Diabo ou o Valor da Honestidade*, então, a lição que eu salientei neste romance, foi a honestidade da moça e do velho, entendeu? Que aquele homem fez toda a trapalhada, toda a trapaça para iludir esta moça. (apud MENDONÇA, 1993, p. 71)

Não apenas seus folhetos advogavam a favor dos valores mencionados acima, mas todos os cordelistas que a precederam continuaram afirmando que a honra feminina deveria ser preservada. No entanto, estes eram expoentes masculinos da literatura de cordel, e era claro que estavam, pessoalmente e socialmente, interessados na perpetuação desses paradigmas.

Era natural que Maria das Neves perpetuasse esse tipo de pensamento, pois como afirma Heleieth Saffioti (2013), era comum que as mulheres fossem até mesmo mais conservadoras que os homens, tendo em vista que estavam destinadas à imobilidade geográfica e a um universo sociocultural mais restrito. A mulher, portanto, complementa Saffioti, foi

[...] o elemento mais afastado das correntes de transformações sociais e políticas, afastamento este deliberadamente promovido pelos homens numa atividade francamente

hostil à participação da mulher em toda e qualquer atividade que extravasasse os limites da família. (SAFFIOTI, 2013, p. 249)

Os três folhetos de Maria das Neves que elegem três mulheres como protagonistas, mas que atuam de maneiras muito diferentes. A primeira, a cigana Esmeralda, vive uma série de infortúnios para somente no fim da narrativa encontrar a felicidade. Esse tipo de enredo era muito comum nos folhetos de cordel com temática tradicional. Já a segunda personagem, Manon Lescou, era o oposto de Esmeralda. Por mais que em sua história existam diversos contratempos, todos são causados pela sua infidelidade e ganância. A terceira e última protagonista, Maria, é uma jovem que se traveste de homem para poder acompanhar o pai em suas apresentações em público, pois ambos eram músicos. Cabe a Maria, portanto, lidar com provações para que prove ser uma mulher verdadeiramente pura e honrada, sempre que sua honestidade é posta à prova.

Ao traçar este breve perfil, fica claro o modo como as três mulheres diferem uma da outra, mas, ainda assim, todas atendem aos fins patriarcais, sempre os reafirmando, seja pela postura de quem aceita os infortúnios e o destino, buscando alcançar no final a salvação e a felicidade, seja por aquela que desafia os costumes por vontade própria e, sendo por isso, castigada. No desfecho dessas histórias, as protagonistas são sempre redimidas. Com base nessas considerações, buscaremos nos aprofundar nos enredos desses folhetos com vistas a analisar as performances de suas personagens femininas.

O primeiro folheto publicado pela cordelista é uma reelaboração em versos de um dos romances canônicos de Victor Hugo, *O Corcunda de Notre Dame*. Maria das Neves/Altino Alagoano optou por manter o mesmo título utilizado na tradução brasileira do romance. No seu folheto de estreia a personagem feminina que se destaca é a cigana Esmeralda, personagem que, a princípio, parece ser subversiva. É preciso considerar que os ciganos sempre foram um grupo marginalizado em qualquer sociedade, por conta de suas práticas culturais e crenças particulares: o nomadismo e costumes estranhos aos olhares ocidentalizados. Logo na segunda estrofe do folheto a liberdade da personagem é colocada em evidência, pois é vista dançando em público na ocasião da comemoração da Queda da Bastilha<sup>2</sup>:

Essa cigana contava

---

<sup>2</sup> Evento central da Revolução Francesa que ocorreu em 14 de julho de 1879.

Quinze anos de existência,  
dançava na praça pública  
porque tinha experiência  
era exímia bailarina  
dotada da providência. (ALAGOANO, 1993, p. 233).

Outra personagem feminina deste folheto é a princesa Flor de Lys, uma jovem bela e rica. Tais predicados atraem o primo Phebo, que a toma como noiva por interesses financeiros. Mesmo sendo dotada de qualidades que a tornavam muito atraente aos olhos de seu pretendente, a cigana Esmeralda a supera em sua beleza, e quando o noivo vê a cigana, apaixona-se instantaneamente. Na percepção de Phebo, as duas personagens rivalizam em formosura, mesmo que uma desconheça a beleza e a existência da outra. É por intermédio do olhar de Phebo que as duas são comparadas:

Vendo a cigana ele disse:  
“Oh! que imagem divina  
mais bela que minha noiva  
que encantadora menina!  
Enquanto esta é princesa  
é aquela peregrina”. (ALAGOANO, 1993, p. 234)

No decorrer da narrativa em versos Esmeralda passará por algumas provações. A cigana é vítima do amor impossível de um padre, que tomado por seus sentimentos, manda seu sineiro, o anão Quasimodo, sequestrá-la. O plano acaba dando errado e ela é salva pelo capitão Phebo. Enquanto o anão era punido em praça pública, castigado a golpes de chicote, Esmeralda aproxima-se e dá-lhe água, mostrando, então, que mesmo tendo sido sua vítima, por motivos que desconhecia, possuía bondade o suficiente para perdoá-lo e ter piedade da situação que ele estava vivenciando. Fica evidente que além de uma beleza extraordinária, a cigana também era dotada de um coração puro e gentil.

Em outro momento, Esmeralda revela a Phebo que na verdade é filha de uma rainha e fora raptada por uma cigana quando ainda era bebê. Ouvindo tudo isso, às escondidas, o padre Cláudio mais uma vez planeja uma armadilha: apunhala o capitão, fazendo com que a culpa do crime recaia sobre Esmeralda.

De criminosa e assassina  
foi a cigana acusada,  
ela não tendo defesa  
conservava-se calada,  
sabia que estava inocente

mas não valia de nada. (ALAGOANO, 1993, p. 238)

No momento em que receberá a punição pelo crime do qual foi acusada, mesmo Phebo tendo sobrevivido ao ataque, Esmeralda é abordada por uma mulher enraivecida, que tenta estrangulá-la. No entanto, a tal mulher reconhece que a moça é sua filha pelo fato de estar usando uma medalha que havia sido roubada anos antes. Mas, mais uma vez, o destino é cruel com Esmeralda. Sua mãe, até então desconhecida, é empurrada por um guarda que a transportava e, ao cair no chão, bate a cabeça e morre.

Sua sorte começa a mudar quando Quasimodo ajuda-a a libertar-se como forma de agradecimento pelo gesto de bondade que ela havia lhe devotado anteriormente. Ele a salva mais uma vez das garras de padre Cláudio. Em meio à luta, Quasimodo acaba sendo apunhalado, mas juntamente com Phebo, recém-chegado à cena, conseguem lançar o padre do alto da torre de Notre Dame. O anão também acaba falecendo, mas o amor entre Esmeralda e Phebo triunfa no fim.

O segundo cordel a ser publicado por Maria das Neves foi *O amor nunca morre*, em setembro de 1938. Neste folheto ela conta a história do jovem Luzimar, que, pelo fato de ser filho de um velho muito rico, foi estudar em “Lião”<sup>3</sup>. Prestes a partir, enquanto conversava com seu amigo Tiberge em um hotel, conhece uma jovem que se aproxima deles pedindo que a salvem, pois não aceitava o destino reservado pelos pais:

- Senhor pelo amor de Deus  
Peço para me salvar  
Das mãos desse horrível servo  
Que vai me sacrificar!...

Meus pais estão me mandando  
Internar em um convento,  
Porém só esta ideia  
Traz-me acabrunhamento  
Não nasci para ser freira  
Adoro o deslumbramento!... (ALAGOANO, 1993, p. 222)

Logo de início a personagem Manon Lescou demonstra ser insubmissa, pois não aceita o destino que lhe caberia e mesmo sabendo disso, Luzimar encanta-se por ela e por sua beleza. Na mesma noite combinam uma fuga, embora ela estivesse sendo vigiada por um criado. Decidem então partir juntos para Paris. Logo Luzimar percebe enfrentar uma realidade:<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Lion, França.

Manon era acostumada  
A passar bem e luxar  
E o pouco que levaram  
Breve ia se acabar. (ALAGOANO, 1993, p. 223).

O jovem estava impossibilitado de encontrar um emprego, pois temia ser encontrado pelo pai. Manon, sabendo da condição em que viviam e sem abrir mão da vida que almejava levar, envolve-se com um vizinho rico e este lhe dá dinheiro em troca dessa relação que começam a viver. E mesmo Luzimar flagrando uma conversa entre os dois vizinhos, nega-se a acreditar que a amada seria capaz de traição. A moça entristece-se por estar enganando o noivo, mas não é capaz de abdicar do dinheiro e assim, o vizinho, chamado Abraão, conta ao velho pai de Luzimar o endereço de onde ele está vivendo, para que não corra o risco de perder sua amada.

Mesmo com essa interferência de Abraão, Manon planeja enganá-lo para voltar a viver o seu amor com Luzimar:

Ela consigo pensa:  
- Fingirei tê-lo amizade  
E quando ficar bem rica  
Fugirei desta cidade  
Procurarei Luzimar  
E terei felicidade!... (ALAGOANO, 1993, p. 224).

Mais uma vez a cordelista busca denotar a importância que a protagonista dava ao dinheiro, desta vez dirigindo-se ao leitor:

Caro leitor esta jovem  
Ao luxo adorava.  
Pobres não podiam ser  
Felizes como se pensava.  
Tinha amor a Luzimar  
Mas o ouro a fascinava. (ALAGOANO, 1993, p. 225).

Demonstrando o interesse da protagonista por luxo e pelo dinheiro, Maria das Neves reforça o estereótipo consolidado pelos poetas que a precederam, de que as mulheres são seres movidos por segundas intenções e que, por este motivo, causam prejuízo aos homens. Enquanto os homens, quando estão envolvidos em um relacionamento amoroso, tornam-se mais suscetíveis aos danos

causados pelas mulheres, um exemplo disso é que Luzimar adocece quando descobre a dupla traição da amada: por ter cedido às investidas do vizinho, movida pela ambição do dinheiro, e também por revelar o seu paradeiro para o pai, que o procurava.

Para fugir da tristeza, Luzimar busca consolo na religião, tornando-se padre e assumindo um novo nome: Padre João. O uso que a cordelista faz da religião como cura para a decepção profunda que o personagem viveu estabelece o contraponto entre a prática religiosa e os interesses mundanos, demonstrando que frente às ações gananciosas e aos interesses sexuais, a fé deveria prevalecer. Somente estando em contato com Deus o consolo para os sofrimentos vividos poderia ser encontrado.

Enquanto Luzimar procurava a salvação, Manon mais uma vez mostra o seu caráter ardiloso, abandonando o velho Abraão com o dinheiro e as joias que ele possuía, partindo para junto do irmão, em Paris. Depois disso, alguns anos se passam. O destino mais uma vez faz com que o casal reencontre-se, mas Luzimar demonstra que não a perdoou:

*Pértida*<sup>4</sup>!... Manon pértida!...  
Fostes de meus olhos a luz!  
Zombastes do meu amor!  
Me pusestes numa cruz!  
Me traístes como Judas  
Beijando enganou Jesus! (ALAGOANO, 1993, p. 228).

A influência da religião, agora primordial em sua vida, pode ser notada na comparação que o personagem estabelece, buscando demonstrar que a infidelidade de Manon foi tão cruel e prejudicial quanto aquela cometida por Judas, um dos maiores exemplos de maldade e egoísmo no contexto do cristianismo.

Apesar da rejeição inicial, logo Luzimar cede à tentação de estar novamente com sua amada e decide abandonar o sacerdócio:

Os valores da fortuna  
Para mim não tem valor!  
A glória parece fumo  
Diante do teu amor!...  
Desprezarei a batina  
Perdoa-me Redentor!... (ALAGOANO, 1993, p. 228).

---

<sup>4</sup> Pérfida.

A série de infortúnios estava ainda longe de acabar, pois, tendo ele abandonado a fé, restava aos dois pouquíssimos recursos, e assim, o cunhado acaba convencendo-o a jogar e fazer apostas. Em pouco tempo Luzimar vicia-se. Dessa forma, fica clara mais uma forma da degeneração alcançada pelo protagonista. A prática dos jogos de azar é sempre alvo de críticas nos cordéis. O dinheiro adquirido sem muito esforço também se perde facilmente: os criados de Luzimar acabam por roubá-lo, haja vista que conheciam o lugar em que escondia sua pequena fortuna.

Encontrados por Abraão, Luzimar é levado de volta para o seminário e Manon é entregue ao velho, que planeja puni-la enclausurando-a em um hospital. Somente com o perdão de seu próprio pai é que o protagonista consegue, enfim, alcançar a felicidade. Depois de tirá-lo do seminário, o pai vai à procura de Manon para libertá-la. No final, depois de tantos percalços, os dois casam-se e, como nos contos de fada, encontram a felicidade plena.

Este folheto escrito por Maria das Neves deixa bastante claro como a personagem é construída para ser um exemplo do que as mulheres não deveriam ser. Manon encarna a ganância, a luxúria, a infidelidade, e todas estas características resultariam nos infortúnios que o casal de protagonistas teria que enfrentar. Sempre que a personagem interfere na vida de Luzimar acaba lhe trazendo uma nova desgraça, embora isso não signifique que ele se decepcionasse com ela, pois o amor que nutre pela personagem é inabalável. Mesmo quando estava decepcionado, em virtude das traições das quais foi vítima, continuava amando Manon.

O último cordel publicado pela cordelista foi o que obteve maior sucesso dentre os três, sendo, inclusive, alvo de uma nova tiragem, pois a primeira esgotou-se rapidamente. *O Violino do Diabo ou o Valor da Honestidade* conta a história de Maria, uma espécie de *alter ego* da autora. Maria é uma jovem musicista que opta pelo travestimento como forma de poder frequentar as cantorias na companhia do pai, o velho Izidoro, pois isto era algo impensável para uma mulher à sua época.

Logo de início é possível perceber que a história de Maria assemelha-se à de sua criadora, Maria das Neves. Ambas precisam esconder a verdadeira identidade para que seja possível exercerem a profissão de seus pais. O travestimento acaba se tornando uma espécie de libertação para ambas, criadora e criatura, pois dessa forma escapavam do julgamento do público, que

certamente as condenaria pelo fato de exercerem uma atividade destinada somente aos homens. A personagem, então, passa a apresentar-se como Mariano.

Vestida como homem, como a Diadorim de *Grande sertão: veredas*, desperta a atenção de Luiz, um jovem marquês que se impressiona com a sua beleza e resolve investigar mais sobre o músico. Logo acaba descobrindo que na verdade trata-se de uma moça disfarçada e o encanto por ela aumenta ainda mais, mas por estar desconfiado, devido ao fato de ter sido enganado por outra mulher, decide colocar à prova a honestidade da jovem.

A importância dada, no sertão nordestino, à honra e à virtude feminina pode ser atestada nos seguintes versos do poema:

A virtude é um lago que faz  
de águas bem cristalinas,  
um espelho de diamante,  
uma joia rara e fina,  
onde o vício não pode  
lançar a mão assassina!

A mulher honesta e boa  
de perfeita educação  
é o cofre onde a virtude  
faz sua morada, então  
o homem mais sedutor  
não mancha seu coração!

[...]

Esta jovem pura e bela  
esplendor da mocidade  
amava muito a virtude  
a honra, a honestidade  
a seu coração de virgem  
não conhecia a maldade! (ALAGOANO, 1993, p. 126-128)

Para enfatizar a importância da honra feminina, são mostradas personagens que estabelecem contrapontos à casta conduta de Maria, pois estas realizam ações que não condizem com os preceitos segundo os quais as mulheres deveriam ser virtuosas, conforme os costumes nordestinos. A primeira mulher que se destaca negativamente é uma das amantes de Luiz, a atriz Elizabeth, que o abandona para casar-se com um velho rico.

A amante respondeu:  
- Luiz, peço-lhe perdão!  
encontrei um homem rico  
que pretende minha mão  
e eu seria uma tola  
perdendo esta ocasião.

Pois eu convidei o velho  
p'ra chá comigo tomar  
quero dar-te adeus Luiz  
embora fiquei a chorar!...  
pois eu só quero o dinheiro  
depois mando o velho andar!...

Porém Luiz eu te amo  
nunca deixei de te amar  
eu só quero os milhões  
e com o velho casar  
depois que pegar o peixe  
irei contigo falar

Perdoa caro marquês  
a minha ingratidão  
mas preciso aparentar  
ter boa reputação  
apesar de ter-te dado  
alma, vida e coração!... (ALAGOANO, 1993, p. 152-153)

Esta personagem reúne características não condizentes com as de uma mulher honesta. Por ser uma atriz, Elizabeth alcançaria uma posição de destaque na sociedade em que vivia, e, além disso, tinha coragem de ir a público para trabalhar e era reconhecida por isso. Outra característica negativa era o fato de ser amante de Luiz, tendo renunciado à própria virgindade e à castidade, virtudes esperadas de uma mulher digna do casamento. O fato de casar-se por ambição também demonstra como ela era ardilosa e maquiavélica.

Outra personagem explorada de maneira negativa pela cordelista é a viúva Rosália, que, por ser bastante engenhosa, ajuda o marquês a aproximar-se de Maria e de seu pai.

Rosália era conhecida  
por viúva endinheirada  
frequentava a alta roda  
de todos apreciada  
e sempre em seu palácio  
havia festa afamada.

Rosália para iludir  
possuía habilidade  
na sua alma infame e negra  
reinava a perversidade  
ninguém como ela sabia  
fazer uma falsidade!

E Luiz já conhecia  
o seu coração malvado  
porque em outra conquista

ela o tinha ajudado  
e os planos que formava  
sempre dava resultado!.. (ALAGOANO, 1993, p. 139)

Rosália também pode ser vista como um exemplo negativo, pois sendo viúva e rica, possuía uma vida social bastante ativa, permitindo que ela se relacionasse, pelos menos socialmente, com muitos homens. Como citado nos versos acima, Rosália era bastante falsa e perversa, e, agindo inconsequentemente, conseguia sempre atingir seus objetivos. Dessa forma, não nega ajuda a Luiz quando ele mostra-se interessado em descobrir a verdade sobre a honestidade de Maria.

Depois de, enfim, aproximar-se da bela jovem, o marquês a coloca à prova de diversas formas, e sendo verdadeiramente uma mulher honrada e pura, Maria consegue provar o seu verdadeiro valor. Após várias tentativas Luiz, então, convence-se e declara que ela é digna de seu amor, mas, principalmente, de seu respeito, e mostra que na verdade é um jovem rico que até então tinha se escondido por trás de um disfarce.

Por meio da construção de suas personagens Maria das Neves reafirma os valores vigentes na sociedade em que vivia. Naquele momento e naquele contexto, não havia como seus versos se contrapusessem aos dogmas instituídos, por duas razões: suas rimas não agradariam ao público, e, portanto, não seriam vendáveis, e também porque, tendo sido a cordelista criada no âmbito de uma sociedade tão restritiva como a Nordestina do começo do século XX, era natural que reproduzisse os mesmos valores consagrados pela maioria. O fato de ter escolhido um pseudônimo masculino representa que Maria das Neves Batista tinha a noção de que uma mulher não poderia e não deveria ser poeta, pelo menos aos olhos do público frequentador das feiras e praças. E talvez a decisão de inserir suas personagens femininas em contextos nada convencionais para a época tenha sido tomada com o intuito de desconstruir, mesmo que gradativamente e sob um pseudônimo masculino, mentalidades estanques com relação ao papel da mulher e a real condição feminina no sertão.

Mesmo agindo de acordo com o mundo à sua volta, permanece o fato de que Maria das Neves foi a primeira mulher a produzir e publicar folhetos de cordel, rompendo, desse modo, a hegemonia de décadas de poetas e cantadores masculinos, inclusive no âmbito familiar em que o pai e os irmãos encabeçavam os grandes nomes da poesia popular. Por ser herdeira do “braço

poético do Nordeste<sup>5</sup>”, foi, de certa forma, também natural que a cordelista acabasse se dedicando à poesia popular.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

MENDONÇA, Maristela Barbosa de. **Uma voz feminina no mundo do folheto**. Brasília: Thesaurus, 1993.

QUEIROZ, Doralice Alves de. **Mulheres cordelistas: percepções do universo feminino na literatura de cordel**. 2006. (Mestrado Literatura Brasileira) - Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2006.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

TERRA, Ruth B. L. **Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste, 1893-1930**. São Paulo: Global, 1983.

### Relação dos folhetos citados

ALAGOANO, Altino (Maria das Neves Batista Pimentel). O amor nunca morre. In: MENDONÇA, Maristela Barbosa de. **Uma voz feminina no mundo do folheto**. Brasília: Thesaurus, 1993, p. 221-232.

\_\_\_\_\_. O Corcunda de Notre Dame. In: MENDONÇA, Maristela Barbosa de. **Uma voz feminina no mundo do folheto**. Brasília: Thesaurus, 1993, p. 233-240.

\_\_\_\_\_. **O violino do diabo ou o valor da honestidade**. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordel&pagfis=36521&pesq=>>. Acesso em: 10 out. 2015.

[Recebido: 19 out. 2016 – Aceito: 09 nov. 2016]

---

<sup>5</sup> O pai de Maria das Neves Batista e os familiares que a precederam nasceram na Serra do Teixeira, localizada na Paraíba. Nessa região seu pai, Francisco das Chagas Batista, fez amizade com Leandro Gomes de Barros, outro poeta pioneiro da literatura de cordel e que até hoje é considerado o maior cordelista brasileiro. Maristela Mendonça (1993) explica que a literatura oral lá se manifestou em dois níveis: o primeiro foi por meio da Cantoria, em que se destacam os glosadores e cantadores, e em um segundo momento surgiu a Literatura Popular, dita de cordel.